

ESCOLA: _____

Prof.: _____

Nome: _____

1	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
2	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
3	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
4	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
5	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
6	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
7	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
8	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
9	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
10	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
11	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
12	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)

Leia o texto e, a seguir, responda as questões 1, 2 e 3.

Chega de (in)diferença às necessidades do outro

Leonardo Silva Brito

Localizada na região central do Estado de Rondônia, Presidente Médici é uma jovem cidade que tem a economia movida pela indústria de laticínio, pela pecuária e pela fruticultura, produzida em pequenas propriedades rurais. Não obstante, tal município apresenta suas peculiaridades e uma delas diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores para desenvolverem adequadamente um trabalho pedagógico com as turmas que recebem alunos com deficiência. O cerne do problema reside na efetiva inclusão desses alunos por não ser assegurado o atendimento individualizado e assistido por um cuidador.

Aprovada desde 2014 pela Câmara dos Deputados, a emenda ao Art. 58, da Lei nº- 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para assegurar ao educando com deficiência a assistência de cuidador quando necessário, ainda tramita no Senado sem previsão de avanço. Tamanho impasse ocasiona frustração e insatisfação pelo trabalho desenvolvido nas escolas tanto para o corpo docente quanto para as famílias dos alunos, os quais compartilham do posicionamento da educadora Maria Teresa Eglér Mantoan, fundamentado na premissa de

que inclusão é mais que viabilizar o ingresso, ter rampas e banheiros adaptados.

Diante desses fatos é comum encontrarmos pais e professores que defendem o retorno desses alunos para as salas especiais, pois compreendem que alocar as crianças deficientes para turmas regulares, sem nenhum recurso ou preparo pedagógico, pode ser segregação e não inclusão, visto que a educação deixa de ser o foco nesse processo. Segundo Rosângela de Souza, pós-graduada em Libras e há seis anos lecionando, as classes recebem mais alunos deficientes do que deveriam, acarretando superlotação e prejuízo ao aprendizado dos alunos. Portanto, o mais aconselhável seria a permanência dessas crianças na escola especial.

Em contrapartida, há os que defendem a permanência dos alunos com deficiência nas classes regulares, pois o problema não é o aluno com deficiência, mas a falta de condições para atendê-los dignamente. De acordo com Ângela Lisot, pós-graduada em Necessidades Educativas Especiais e atuante na área também há seis anos, a realocação de alunos com necessidades especiais para salas regulares é a efetivação dos direitos de igualdade inerentes à pessoa humana e também uma prova de respeito à diversidade, o que representa um valor que deve ser introduzido no ambiente escolar desde os primeiros anos.

É fundamental que nosso país faça jus ao acordo firmado durante a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela ONU em 2006, que dita que os Estados Partes devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino. Como subscritor desse acordo, o Brasil se comprometeu a vigorar uma diretriz nacional capaz de assegurar que toda criança com deficiência, transtorno global de desenvolvimento ou altas habilidades, segmentos antes encaminhados para escolas especiais, seja matriculada na rede regular de ensino e estude em classes comuns.

Enfim, a educação inclusiva é a mais adequada às necessidades do mundo contemporâneo, pois pode ensinar a todos o respeito às diferenças, trabalhar nossa capacidade de entender e reconhecer o outro para que todos possam compreender as riquezas que as diferenças produzem. Ratificando Rodrigo Hübner: “A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la”.

Enquanto a realidade não é a ideal, podemos denunciar ao Ministério Público, órgão que protege os interesses coletivos, de forma a garantir ao educando com deficiência a assistência individualizada imediata e

permanente de cuidador nas escolas, quando necessário. Viabilizar meios que beneficiem o desenvolvimento pessoal e a emancipação social de pessoas com deficiência, não só adaptando ambientes físicos, mas também por meio do suporte humano, é estar a favor da diversidade e do direito, que todos têm de aprender.

Disponível em:
<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6138/textos-finalistas2016.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

D7 Questão

Qual é a tese defendida pelo autor do texto?

- (A) Presidente Médici é uma jovem cidade e sua economia tem como base a indústria de laticínio, além da fruticultura e pecuária.
- (B) A efetiva inclusão dos alunos é um problema, pelo fato de não ser assegurado a eles um atendimento individual com o auxílio de um cuidador.
- (C) É necessário que nosso país faça valer o acordo firmado e adotado pela ONU em 2006, durante a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.
- (D) Sem nenhum recurso ou preparo pedagógico, pode ser que haja uma segregação e não inclusão, pois a educação deixa de ser o foco nesse processo inclusivo.
- (E) O Brasil se comprometeu a vigorar uma diretriz nacional capaz de assegurar que toda criança com deficiência, transtorno global de desenvolvimento ou altas habilidades, seja matriculada e estude em classes comuns na rede regular.

D8 Questão

O argumento de autoridade que sustenta a tese do autor é:

- (A) “Não obstante, tal município apresenta suas peculiaridades e uma delas diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores para desenvolverem adequadamente um trabalho pedagógico com as turmas que recebem alunos com deficiência.”.
- (B) “Aprovada desde 2014 pela Câmara dos Deputados, a emenda ao Art. 58, da Lei nº 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para assegurar ao educando com deficiência a assistência de cuidador quando necessário [...]”.
- (C) “Diante desses fatos é comum encontrarmos pais e professores que defendem o retorno desses alunos

para as salas especiais, pois compreendem que alocar as crianças deficientes para turmas regulares, sem nenhum recurso ou preparo pedagógico, pode ser segregação e não inclusão, visto que a educação deixa de ser o foco nesse processo.”.

- (D) “Enfim, a educação inclusiva é a mais adequada às necessidades do mundo contemporâneo, pois pode ensinar a todos o respeito às diferenças, trabalhar nossa capacidade de entender e reconhecer o outro para que todos possam compreender as riquezas que as diferenças produzem.”.
- (E) “De acordo com Ângela Lisot, pós-graduada em Necessidades Educativas Especiais e atuante na área também há seis anos, a realocação de alunos com necessidades especiais para salas regulares é a efetivação dos direitos de igualdade inerentes à pessoa [...]”.

D15 Questão

No trecho “Não obstante, tal município apresenta suas peculiaridades e uma delas diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores [...]”, o termo “Não obstante” pode ser substituído sem prejuízo de sentido por

- (A) porque.
- (B) contudo.
- (C) assim sendo.
- (D) uma vez que.
- (E) à medida que.

Leia o texto e, a seguir, responda as questões 4, 5 e 6.

A microfísica do espetáculo

André Silveira Sampaio

[...]

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “fetichizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório.

Interessa às atividades de comunicação, na qualidade de elo na cadeia do capital, a proliferação desenfreada de todo e qualquer equipamento que facilite o acesso a seus conteúdos. Por esse motivo carregamos hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o

“futuro” tão festejado: Google, Facebook, Twitter, YouTube e similares.

Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, desenvolvemos uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, somos livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto controlamos quanto somos controlados.

Essa distribuição pulverizada e multidirecional do poder foi percebida e discutida por diversos autores a partir da metade do século passado. Dentre eles Michel Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder*, descreve o processo de desconstrução dos antigos modelos baseados na visão do poder e do controle como atividades exclusivas dos aparelhos de Estado.

Do mesmo modo devemos perceber a sociedade do espetáculo: não somente um grupamento amorfo – a massa consumidora de megaespetáculos extremos e hipertrofiados –, mas um imenso conjunto de indivíduos, dos quais os espetáculos partem e aos quais os espetáculos retornam.

Somos coprodutores da indústria cultural, e consumidores autofágicos de nossa produção. Adicionalmente, sempre que compartilhamos nossos microespetáculos pessoais tornamo-nos também seus veículos, e uma nova classe de produtos.

[...]

Não somos inocentes, e muito menos o são as estruturas do capital que mantêm a máquina virtual operando com eficácia e precisão. Tão-somente eles oferecem as ferramentas com as quais nos seduzimos: imagens, sons, movimento, design impecável e muitos botões, estes cumprindo o papel de instrumentos de reafirmação do pacto mútuo de cumplicidade.

Então, com o simples clicar de um botão, proporcionamos a homogeneização das relações interpessoais: familiares próximos ou distantes, conhecidos ou desconhecidos, colegas de trabalho ou de estudos, somos agora todos amigos. Ao clique de outro botão, tornamo-nos ainda melhores que amigos, tornamo-nos seguidores.

D7 Questão

O autor do texto defende a tese de que

- (A) na relação com estrutura midiática, tanto controlamos quanto somos controlados.
- (B) desenvolvemos uma relação de dependência mútua com os veículos de comunicação.
- (C) há um interesse quanto às atividades de comunicação, na qualidade de elo na cadeia do capital.
- (D) há uma distribuição fragmentada e multidirecional do poder que foi observada e discutida por muitos autores na no século passado.
- (E) ao clique de outro botão, tornamo-nos ainda superiores aos amigos, passamos a apreciar e a seguir o outro.

D8 Questão

A argumentação usada pelo autor para defender a tese “Dentre eles Michel Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder*, descreve o processo de desconstrução dos antigos modelos baseados na visão do poder e do controle como atividades exclusivas dos aparelhos de Estado” é construída por meio de um argumento de

- (A) princípio.
- (B) evidência.
- (C) explicação.
- (D) autoridade.
- (E) causa /consequência.

D15 Questão

No trecho “Então, com o simples clicar de um botão, proporcionamos a homogeneização das relações interpessoais: familiares próximos ou distantes, conhecidos ou desconhecidos, colegas de trabalho ou de estudos, somos agora todos amigos.”, o termo “então” pode ser substituído sem prejuízo de sentido por

- (A) como.
- (B) porém.
- (C) segundo.
- (D) visto que.
- (E) dessa forma.

Uma vela para Dario

Dalton Trevisan

Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

Ele reclinase mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta a outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que façam um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degraú da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a

aliança de ouro, que ele próprio – quando vivo – só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabecão.

A última boca repete – Ele morreu, ele morreu. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7803/uma-vela-para-dario>. Acesso em: 10 fev. 2019.

D2 Questão

No trecho “O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada... A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo.”, o termo “ele” substitui

- (A) rapaz de bigode.
- (B) senhor gordo.
- (C) guarda-chuva.
- (D) cachimbo.
- (E) Dario.

D2 Questão

No trecho “O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo [...]”, o termo “lo” substitui

- (A) terceiro.
- (B) cadáver.
- (C) endereço.
- (D) quarteirão.
- (E) carro negro.

D14 Questão

Em qual trecho está apresentada uma opinião?

- (A) “Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo.”
- (B) “Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem.”

- (C) "O rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar."
- (D) "O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios."
- (E) "Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva."

Leia o texto e, a seguir, responda as questões 10, 11 e 12.

TENTAÇÃO

Clarice Lispector

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão.

Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam. Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos - lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-la dobrar a outra esquina. Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

Conto extraído de LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

D2 Questão

No trecho "Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam.", o termo "que" se refere à

- (A) mudez.
- (B) infância.
- (C) natureza.
- (D) inocência.
- (E) gravidade.

D15 Questão

No trecho "Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam. Mas ambos eram comprometidos.", o termo "mas" estabelece uma relação de

- (A) adição.
- (B) oposição.
- (C) condição.
- (D) conclusão.
- (E) explicação.

D14 Questão

Em qual trecho há uma opinião?

- (A) “Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva. “
- (B) “Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde.”
- (C) “[...] vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento.”
- (D) “Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária.”
- (E) “[...] lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne.”